

BC deveria ficar 'quietinho', sem subir taxa de juros, avisa Delfim

Cristiane Perini Lucchesi

De São Paulo

O Comitê de Política Monetária (Copom), que se reúne hoje e amanhã para definir os juros básicos da economia, deveria manter as taxas estáveis em 16,25% ao ano. Essa é a opinião do ex-ministro da Fazenda e deputado Delfim Netto, compartilhada por Rafael Cardoso, vice-presidente da Abel (Associação Brasileira das Empresas de Leasing).

"O Banco Central deveria ficar quietinho, pois ainda não é possível saber quais os efeitos do quase apagão sobre o comportamento das pessoas e da economia como um todo", afirmou Delfim. Segundo ele, o BC tem uma tarefa bem difícil pela frente, de combater os efeitos secundários do "quase apagão". Ele considera que o choque de oferta vai elevar preços nos próximos doze meses, mas avalia que depois a "inflação volta". Para Delfim, a alta de juros não surte efeito no combate à inflação em meio aos choques de oferta.

Rafael Cardoso acredita que o Copom vai subir os juros em 0,5 ponto percentual, como espera o mercado. Mas considera que o ideal seria se o Copom mantivesse as taxas como estão hoje. "A alta de juros aliada à crise energética pode ser um remédio amargo demais e reduzir ainda mais as expectativas de crescimento."

Um dos integrantes do Copom, o diretor da área internacional do Banco Central, Daniel Gleizer, afirmou que a idéia é "buscar o cumprimento das metas de inflação usando os instrumentos disponíveis da forma mais cautelosa". Isso significa, segundo ele, na medida do possível não desestruturar as metas de crescimento futuro do Produto Interno Bruto estabelecidas pelo governo. Gleizer disse também que é importante perseguir o "centro da meta de inflação", ou



Daniel Gleizer, diretor da área externa do BC: "Vamos usar os instrumentos disponíveis de forma mais cautelosa"

seja, 4% neste ano.

Gleizer e Delfim foram palestrantes no seminário "Vulnerabilidades Externas... O Brasil agüenta?", realizado ontem no hotel Macksoud Plaza, em São Paulo. O economista-chefe para mercados emergentes e estratégia de dívida do banco ABN-AMRO, Arturo Porzecanski, defendeu que a valorização no câmbio não é ruim para o Brasil.

"O câmbio está só compensando o desempenho ruim da balança comercial e a queda no investimento direto que o país está so-

frendo", afirmou. Segundo ele, a taxa de câmbio, que fechou ontem a R\$ 2,321, já embute muita expectativa negativa, e deve ceder. "No cenário externo, acredito que o pior já passou. As Bolsas americanas e japonesas estão se recuperando", disse.

Além disso, segundo Porzecanski, a Argentina, cujo efeito contágio se fez sentir no Brasil, está "com um plano econômico consistente", alongando sua dívida de curto e renegociando com os bancos e fundos credores. "Na minha época, a Idade Média, a si-

tuação da Argentina era chamada de bancarrota", alfinetou Delfim. Segundo ele, o ministro da Economia argentino, Domingo Cavallo, é um "artista de teatro", que tem um bom "jogo de conversa mole". A bancarrota da Argentina passou a ser chamada mais elegantemente de "default" e hoje é chamada de "swap".

O economista Luiz Gonzaga Belluzzo, também palestrante, afirmou que o câmbio vai subir para R\$ 2,35 até o final do ano. Ele aposta nos juros básicos a 17% até o final de julho.